

LULA E DILMA NA VEJA: A INTERDISCURSIVIDADE EM DESTAQUE

Jessica Cristiane Pereira da SILVA

Miriam Bauab PUZZO

Universidade de Taubaté - UNITAU

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo central analisar, de uma perspectiva bakhtiniana, a interdiscursividade presente nos discursos construídos pela mídia sobre a Dilma e o Lula, a partir da verificação das construções discursivas presentes em duas capas da revista *Veja*. Para tal, serão considerados a linguagem verbo-visual, o implícito e explícito, assim como, os conceitos de signo ideológico, interdiscursividade e dialogismo, presentes nas obras do Círculo de Bakhtin (1992; 2004). Têm-se como objetivos específicos: identificar o contexto sócio-histórico de produção das capas, as estratégias discursivas utilizadas e os efeitos de sentido construídos. O *corpus* da análise se constitui de duas capas da revista *Veja*: a de 27 de setembro de 2006, edição 1975; e a de 18 de março de 2015, edição 2417. A análise realizada indica que há uma relação de interdiscursividade entre as duas capas, mais precisamente uma alusão interdiscursiva, que foi empregada pela revista para produzir o efeito de sentido de que a Dilma seria uma presidente construída à imagem do Lula. A revista utiliza-se de uma linguagem verbo-visual carregada de implícitos, em que se têm a representação dos políticos através de caricaturas, evidenciando assim o tom crítico da revista. Por fim, este trabalho visa contribuir com propostas de ensino voltadas para uma reflexão crítica quanto à informação de cunho ideológico presente na mídia.

Palavras-chave: Capa de revista. Linguagem verbo-visual. Interdiscursividade. Ensino.

LULA AND DILMA IN VEJA MAGAZINE: THE INTERDISCURSIVITY FOCUS

Abstract: This research aims to analyze, from a bakhtinian perspective, the interdiscursivity present in the discourses constructed by the media about Dilma and Lula, through the verification of discursive constructions present in two magazine *Veja*'s covers. In that case will be considered the verbal-visual language, the implicit and explicit, as well as the concepts of ideological sign, interdiscursivity and dialogism present in the works of Bakhtin's Circle (1992; 2004). The specific objectives are to identify the socio-historical context of production of the covers, the discursive strategies used and the meaning effects produced. The corpus of analysis is composed of two covers of *Veja* magazine: the September 27, 2006, edition 1975; and the March 18, 2015, edition 2417. The analysis indicates that there is a interdiscursivity relationship between the two covers, mainly a interdiscursive allusion, used by the magazine to produce the meaning effect that Dilma would be a president built on Lula's image. The magazine uses a verb-visual language full of implicit senses, besides to represent the politicians through caricatures, that which highlights the critical tone of the magazine. Finally, this work

aims to contribute with educational proposals focused on a critical reflection about ideological information present in the media.

Keywords: Cover magazine. Verbal-visual language. Interdiscursivity. Education.

LULA Y DILMA EN VEJA: INTERDISCURSIVIDAD DESTACADAS

Resumen: Esta investigación tuvo como objetivo analizar, desde una perspectiva de Bajtín, interdiscursividad presente en los discursos contruidos por los medios de comunicación acerca de Dilma y Lula, desde la verificación de las construcciones discursivas en dos portadas de revistas Veja. Se considerarán el lenguaje verbal-visual, así como los conceptos de signo ideológico, interdiscursividad y dialogismo, en las obras del Círculo de Bajtín (1992; 2004). Los objetivos específicos son: identificar el contexto socio-histórico de la producción de las portadas de revista, las estrategias discursivas utilizadas y los efectos de sentido contruidos. El corpus de análisis se compone de dos portadas de revistas Veja: 27 septiembre de 2006, edición de 1975; y de 18 de marzo de, 2015, edición 2417. El análisis indica que existe una relación interdiscursividad entre las dos portadas de revista, más precisamente una alusión interdiscursivo, que fue utilizado por la revista para producir el efecto de sentido que Dilma sería una presidente contruida en la imagen de Lula. La revista utiliza un lenguaje verbo-visual cargado de sentidos en la representación de los políticos a través de caricaturas, subrayando así el tono crítico de la revista. Finalmente, este trabajo tiene como objetivo contribuir con propuestas educativas dirigidas a la reflexión crítica en relación a información ideológico presente en los medios de comunicación.

Palabras clave: Portadas de revista. Lenguaje verbal-visual. Interdiscursividad. Educación.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade baseada na informação, na qual a mídia se constitui de um importante espaço para a produção e circulação de informações dos diferentes campos de atividade humana. Frente ao grande poder informativo da mídia, devemos ter ciência de que o que a mídia transmite corresponde a um recorte particular da realidade, na qual ideologias, valores e interesses são veiculados.

Considerando que a mídia permeia a vida das pessoas de maneiras distintas, torna-se cada vez mais importante que a escola, ciente do seu papel social, desenvolva estudos da mídia com o intuito de contribuir com a formação crítica do aluno ao disponibilizar conteúdos que possibilitem desenvolver uma leitura crítica do mundo. Para tal, é necessário ter um cuidado especial para que essa leitura crítica não seja somente o reflexo da crítica proposta pelo

professor, ou seja, que o aluno simplesmente devolva ao professor o discurso crítico que receberam dele.

Para que o estudo das mídias de fato contribua para o desenvolvimento de uma reflexão crítica, é importante que se parta de uma abordagem discursiva, na qual se remeta ao conteúdo produzido pela mídia, assim como as estratégias que essa utiliza para persuadir o leitor, ou seja, o estudo das mídias não pode limitar-se somente ao conhecimento, uso e estudo das aplicabilidades das ferramentas da mídia.

Nesse sentido, o jornalismo constitui-se de um importante material midiático para se trabalhar a leitura crítica com os alunos: pois, para a nossa sociedade o jornalismo em geral constitui um instrumento legítimo na divulgação de informações relacionadas às questões sociais, políticas e econômicas, e, em relação às estratégias utilizadas pela mídia jornalística a produzir um discurso, merece atenção a questão da interdiscursividade. Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo central analisar a interdiscursividade presente nos discursos construídos pela mídia sobre a Dilma e o Lula, a partir da verificação das construções discursivas presentes em duas capas da revista *Veja*.

Entendendo o jornalismo como espaço de circulação e produção de sentidos, o *corpus* analisado de modo qualitativo, com base na fundamentação teórica, constitui-se de duas capas da revista *Veja*, na qual os políticos Lula e Dilma são representados através de caricaturas. As capas em questão são as edições 1975 e 2417, respectivamente publicadas em 27 de setembro de 2006 e 18 de março de 2015.

A fim de atender ao objetivo proposto, esta pesquisa tem como objetivos específicos: identificar o contexto sócio histórico de produção das capas, as estratégias discursivas utilizadas e os efeitos de sentido construídos. Para tal, serão considerados a linguagem verbo-visual, os efeitos de sentido, assim como os conceitos de dialogismo, signo ideológico e interdiscursividade, presentes nas obras do Círculo de Bakhtin (1992; 2004).

Este trabalho tem como finalidade contribuir para os estudos na análise do discurso dialógica, assim como incentivar o uso de uma abordagem discursiva em relação ao estudo das mídias em sala de aula. Além disso, considerando a questão da ética e moral presente nas

obras de Bakhtin, esta pesquisa retoma a dimensão ética, ao suscitar um posicionamento crítico quanto ao discurso produzido pela mídia.

Este artigo organiza-se nas seguintes seções: fundamentação teórica, análise das capas da revista e conclusão. A fundamentação teórica está dividida em duas partes, a primeira denominada: *Mídia e humor: a caricatura em foco*; e a segunda parte denominada: *Dialogismo, signo ideológico e interdiscursividade: algumas reflexões bakhtinianas*. Para a análise das capas e conclusão, este trabalho focou-se na interdiscursividade e na linguagem verbo-visual utilizada.

1. MÍDIA E HUMOR: A CARICATURA EM FOCO

Sendo a mídia um importante espaço para produção e circulação de informações, alguns estudiosos acreditam ser a mídia um espelho da sociedade. Nesse sentido, Charaudeau (2009, p. 20) afirma que “Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, [...] e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo.”

Nesse sentido, a informação da mídia serve a interesses que ultrapassam o ato de informar unicamente, como servindo a interesses econômicos, políticos e sociais. Dessa forma Charaudeau (2009, p. 92-93) declara que

As mídias situam-se num campo de poder complexo que entrecruza vários outros campos cujo ponto comum é o famoso alvo da maioria: o campo do político diante do qual as mídias se legitimam por uma dupla ação, de contra-poder, ao opor-se a esse campo, e de interface com a sociedade civil, o que as leva a denunciar; o campo do econômico, no qual as mídias se legitimam por sua capacidade de alcançar o grande público, o que as leva a dramatizar; o campo da cidadania, no qual as mídias se legitimam por uma aptidão em realizar um projeto de construção da opinião pública, o que as leva a serem credíveis.

Em relação à significação, a linguagem que a mídia utiliza é a dos discursos, que mais do que informar, correspondem a um sistema de interesses, no qual há um jogo de dito e não-dito que nem sempre é perceptível a todos. Nesse sentido, Charaudeau (2009, p. 50) destaca que “Cada tipo de discurso modula seus efeitos de verdade de uma maneira particular.”, ou

seja, a mídia utiliza-se de discursos que sejam compatíveis com seus objetivos; assim, a verdade não está no discurso, mas sim no efeito de sentido que esta produz.

Em se tratando do humor, a mídia o utiliza como ferramenta para evidenciar fatos e situações da realidade atual, mediante uma visão inesperada, na qual se tem a incorporação do real no universo da arte. Nesse sentido, o humor serve como uma forma de lidar com os assuntos conflitivos e polêmicos de uma maneira mais descontraída, ou até mesmo de uma maneira mais crítica ao utilizar-se da liberdade artística. São alguns instrumentos utilizados pela mídia voltada ao humor: a caricatura, a charge, a tira cômica, os quadrinhos, o cartum, entre outros.

Atualmente o conceito de caricatura ainda não possui uma base estável para sua definição, assim como os conceitos de outras formas de humor. Segundo Gawryszewski (2008) a caricatura assim como os outros gêneros de humor, tais como a charge e o cartum, necessita de estudos teóricos mais profundos.

A caricatura conforme dicionário de comunicação de Rabaça e Barbosa (1978, p. 19, citado por GAWRYSZEWSKI, 2008) é definida como

1. é a representação da fisionomia humana com características grotescas, cômicas ou humorísticas. A forma caricatural não precisa estar ligada apenas ao ser humano (pode-se fazer caricatura de qualquer coisa), mas a referência humana é sempre necessária. 2. Arte de caricaturar. Designação geral e abrangente da caricatura como forma de arte [...] Nesta acepção, são subdivisões da caricatura: a charge, o Cartum, o desenho de humor, a tira cômica, a história em quadrinhos de humor e a caricatura propriamente dita (a caricatura pessoal).

Na citação apresentada acima, a definição de caricatura abarca subdivisões, na qual incluem-se outros gêneros de humor. De acordo com Miani (2012), a caricatura constituía-se de um termo genérico utilizado para se referir aos desenhos humorísticos que suscitasse o riso e o escárnio. Contudo, ao considerar que caricatura vem do italiano *caricare*, Miani (2012, p. 38) define caricatura como ‘... aquela imagem em que se “carregam” os traços mais evidentes e destacados de um fato ou pessoa, principalmente os seus defeitos, com a finalidade de levar ao riso.’.

Para Santana (2012), a caricatura, além de produzir um discurso crítico, constitui-se de um lugar de memórias institucionais e de reafirmações discursivas. Nesse sentido, a caricatura pode contribuir para o silenciamento de outros discursos, assim como para o apagamento de outras memórias.

De acordo com Gawryszewsky (2008), as caricaturas políticas vão além do riso despreocupado, englobando em seu conteúdo preocupações sociais e políticas, tornando-se, portanto, ambíguas, pois trazem à tona uma carga emocional que a caricatura comum não possui.

A charge e a caricatura políticas podem causar o riso, por possuírem uma carga de humor, podem divertir, mas não podemos nos esquecer de que podem causar também ao intérprete um estranhamento, pois podem despertar sua consciência, dar uma visão do político ou da situação que desconhecia, isto é, desvendar, desnudar uma realidade que talvez não quisesse ver ou conhecer. (GAWRYSZEWSKY, 2008, p. 16).

Outro importante elemento a ser destacado na caricatura política, diz respeito ao fato de ela não ser dependente do texto para exprimir seu significado, basta apenas que o leitor possua um conhecimento prévio sobre o caricaturado e sobre o momento político vivenciado que a imagem do caricaturado produzirá o efeito de sentido esperado.

De acordo com Joly (2003, p. 135) a imagem é um meio de expressão e comunicação e “Mesmo sua leitura mais ingênua e cotidiana mantém em nós uma memória que só exige ser um pouco reativada para se tornar mais uma ferramenta de autonomia do que de passividade.”. Nesse sentido, a autora destaca que, para se compreender uma imagem, é preciso considerar “... alguns contextos da comunicação, da historicidade de sua interpretação e de suas especificidades culturais.”.

Em relação à caricatura política, a depreciação do caricaturado demonstra a natureza crítica do produtor do material, que muitas vezes utiliza-se da liberdade artística para apresentar seu discurso de forma a escapar do grande controle das informações presentes nos textos escritos.

2. DIALOGISMO, SIGNO IDEOLÓGICO E INTERDISCURSIVIDADE: ALGUMAS REFLEXÕES BAKHTINIANAS

Para este trabalho foi proposto o estudo do dialogismo, do signo ideológico e da interdiscursividade conforme a perspectiva bakhtiniana, devido ao fato de os estudos do Círculo de Bakhtin entenderem a linguagem sob um ponto de vista dialógico que privilegia o social e o sujeito. Nesse sentido, Brait (2006, p. 21-22) reitera que a perspectiva bakhtiniana considera

a linguagem não apenas no que ela tem de sistemático, abstrato, invariável, ou, por outro lado, no que de fato tem de individual e absolutamente variável e criativo, mas de observá-la em uso, na combinatória dessas duas dimensões, como uma forma de conhecer o ser humano, suas atividades, sua condição de sujeito múltiplo, sua inserção na história, no social, no cultural pela linguagem, pelas linguagens.

O sujeito para o Círculo não corresponde a um fantoche das relações sociais, ao contrário, o sujeito é um agente que organiza discursos e que é responsável pelos seus atos, assim como é responsivo ao outro (SOBRAL, 2005). A partir desses conceitos de linguagem e sujeito, interpretando a teoria podemos trabalhar com a ideia de que ler é construir sentidos, o que para essa pesquisa é crucial, uma vez que propomos olhar o texto para além do que está manifesto em sua superfície.

De acordo com a perspectiva da análise do discurso dialógica, é a partir dos enunciados que a língua se torna viva, e é no interior dos campos de atividade humana que os enunciados são construídos, refletindo, assim, as condições e finalidades desses campos, que elaboram tipos relativamente estáveis de enunciados, denominados gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2011).

Sobre o caráter dialógico do enunciado, Bakhtin (2011, p. 300) afirma que “O enunciado está voltado não só para o seu objeto mas também para os discursos do outro. No entanto, até a mais leve alusão ao enunciado do outro imprime no discurso uma reviravolta dialógica, que nenhum tema meramente centrado no objeto pode imprimir.”

Fiorin (2006, p. 19), interpretando Bakhtin, afirma que “... todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio.”. Dessa forma, no processo de comunicação, todos os discursos são considerados dialógicos, pois todo enunciador, ao produzir um discurso, leva em consideração outros discursos.

Nessa perspectiva, o enunciado não pode existir fora das relações dialógicas, pois em todo enunciado há a presença de outros enunciados com os quais se estabelece relação de concordância ou discordância, ou seja, os enunciados constituem-se a partir de outros enunciados. Desse modo, Faraco (2009, p. 59) afirma que na perspectiva bakhtiniana “... cada enunciado é uma resposta, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de desacordo; é um elo da corrente ininterrupta da comunicação sociocultural.”.

Assim sendo, Fiorin (2006b, p. 19), interpretando a teoria bakhtiniana, destaca que o dialogismo, ao pressupor que todo discurso é ocupado por outro, define-o como “... as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.”. Adiante, Fiorin (2006b, p. 24) prossegue afirmando que “O dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado.”.

O dialogismo presente no enunciado e no discurso, como citado acima, em verdade permeia toda a obra do Círculo de Bakhtin, correspondendo a um princípio basilar de sua teoria. Dito isto, seguimos para outro ponto de igual importância para essa pesquisa: o conceito de signo ideológico.

Segundo Bakhtin (2004), os signos são objetos que adquiriram um sentido que transpõe o que lhe era particular; refletem e refratam uma realidade, podendo distorcê-la, apreendê-la de acordo com determinado ponto de vista, ou mesmo ser-lhe fiel. Para o autor, todo e qualquer signo pode ser submetido a avaliações de caráter ideológico, ou seja, há avaliações que questionem se determinado signo é verdadeiro ou falso, bom ou ruim, justificado ou injustificado, entre outros. Nesse sentido, Bakhtin (2004, p. 32) considera que “O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico.”.

Ao considerar que a ideologia e o signo estão diretamente imbricados, Bakhtin (2004) ressalta que todo produto ideológico é um signo, e que não há ideologia sem signos. Nesse sentido, Bakhtin (2004, p. 33) afirma que

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como uma outra coisa qualquer. [...]. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior.

O signo ideológico somente pode emergir em terreno interindividual, no qual se faz necessária a presença de indivíduos que estejam organizados socialmente, pois o signo corresponde a materialização da comunicação social. (BAKHTIN, 2004).

A comunicação verbal se dá através de enunciados, e a enunciação de um signo se dá como a enunciação de índices sociais de valor, pois, segundo Faraco (2009, p. 49): nos relacionamos com um mundo semiotizado, no qual “... a significação dos signos envolve sempre uma dimensão axiológica, nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores”.

Diante das necessidades enunciativas, interessa ao locutor a forma linguística enquanto signo e não sinal, pois o signo por ser variável e flexível, permite nova significação, podendo tornar-se, assim, um signo adequado ao contexto dado. (BAKHTIN, 2004).

De acordo com Faraco (2009), o enunciado na concepção do Círculo de Bakhtin é ideológico, pois constitui-se no interior de uma esfera de atividade humana e evidencia uma posição avaliativa, não podendo, assim, ser considerado neutro. Nesse sentido, o ato de enunciar implica na tomada de uma posição social avaliativa.

Feitas as considerações sobre o dialogismo e signo ideológico, para este trabalho faz-se necessário compreender a interdiscursividade em relação à intertextualidade. Nesse sentido, Fiorin (2006a) define interdiscursividade como toda relação dialógica, ou seja, como a relação

de sentido entre enunciados; e intertextualidade como a interdiscursividade manifesta no texto. Dessa forma, toda intertextualidade supõe uma interdiscursividade. Segundo Fiorin (2011, p. 32)

A interdiscursividade é o processo em que se incorporam percursos temáticos e/ou percursos figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outro. Há dois processos interdiscursivos: a citação e a alusão. A citação ocorre quando um discurso repete 'idéias', isto é, percursos temáticos e/ou percursos figurativos de outros.

Já a alusão para Fiorin (2011, p. 34) “ocorre quando se incorporam temas e/ou figuras de um discurso que vai servir de contexto (unidade maior) para a compreensão do que foi incorporado.”.

Sendo a interdiscursividade toda e qualquer relação dialógica entre enunciados, é importante ressaltar o caráter histórico do dialogismo. Nesse sentido, Fiorin (2006a, p. 192) destaca que, para a concepção dialógica da linguagem, o discurso é linguístico e histórico, sendo a História algo interior ao discurso. Assim, para a compreensão do sentido é necessário “... situar o enunciado no diálogo com outros enunciados e apreender os confrontos sêmicos que geram o sentido”.

Desse modo, é importante conceber que os discursos não são indiferentes às relações de poder presentes na sociedade e estabelecidas na história e por isso não podem ser compreendidos fora do espaço ideológico. Por isso, para se compreender o sentido de algo, é indispensável analisar os discursos os confrontando com o momento histórico condizente.

3. ANÁLISE DAS CAPAS DA REVISTA VEJA

A seguir, seguem as capas da revista *Veja* que serão analisadas:



Figura 1: Capa da edição 1975
Fonte: revista *Veja*, 27 de setembro de 2006



Figura 2: Capa da edição 2417
Fonte: revista *Veja*, 18 de março de 2015

Primeiramente é necessário situar as capas a serem analisadas em seu contexto sócio-histórico para que as inferências capturem a ideologia presente por trás da linguagem verbo-visual utilizada. Nesse sentido, é importante destacar que a figura 1, corresponde à capa da revista *Veja* datada de 27 de setembro de 2006, período marcado pelo fim do mandato do Lula e pela aproximação da eleição para presidente da república, na qual Lula era candidato à reeleição. Já a figura 2, corresponde à capa da revista *Veja* datada de 18 de março de 2015, período marcado pelas manifestações políticas contra a presidente da república, Dilma Rousseff.

As capas em questão utilizam-se de caricaturas para representar os respectivos presidentes da república dos anos de 2006 e 2015. A caricatura da Dilma foi construída em relação à caricatura do Lula, uma vez que a revista reproduziu os mesmos elementos principais da caricatura anterior, a do Lula, na caricatura da Dilma. Dessa forma, é concebível afirmar que há uma relação de interdiscursividade entre as duas capas, mais precisamente uma alusão interdiscursiva.

Neste trabalho entende-se como alusão interdiscursiva a incorporação de elementos em um discurso que retomem a outros discursos, de forma que esses elementos sejam

necessários para se compreender o sentido do discurso. Para fins de organização da análise, iniciaremos identificando as semelhanças ou diferenças presentes na linguagem verbo-visual utilizada para em seguida tecer considerações quanto a seus efeitos de sentido levando em consideração o contexto político vivenciado.

Em ambas as capas, os presidentes encontram-se cuidadosamente arrumados, com o cabelo, a pele e as vestimentas bem cuidadas, o que demonstra preocupação com sua imagem externa, ou seja, com a imagem que estava sendo propagada pela mídia à população. Nesse sentido, no contexto político da capa do Lula, o presidente lidava com a emergência de discursos que o associavam a casos de corrupção presentes em seu governo, os quais ele afirmava ter desconhecimento. Já no cenário político da capa da Dilma, a presidente lidava principalmente com importantes manifestações contra o seu governo e com o aumento do seu índice de rejeição.

Um elemento de destaque na capa é a faixa presidencial, que em ambas as capas não está no peito dos presidentes, mas sim funcionando como vendas aos olhos. Um significado a ser dado para tal uso da faixa presidencial se justifica no fato de ela adquirir o sentido de que o poder subiu à cabeça dos governantes, o que se completa com a ideia de que estão cegos em relação ao que se está acontecendo ao redor. Nesse sentido, a faixa sob os olhos produz o efeito de sentido de que não estavam a par do que estava acontecendo, o que, no caso do Lula, diz respeito ao seu dito desconhecimento quanto aos esquemas de corrupção presentes em seu governo, e no caso de Dilma atua como forma de minimizar os impactos das manifestações, como se estas fossem irrisórias ao ponto da presidente não as enxergar.

Ainda em relação à faixa presidencial, o fato de o brasão da república localizar-se em cima do olho direito dos presidentes remete à ideia do tapa-olho dos piratas, e produz o efeito de sentido de que os presidentes são desonestos e não confiáveis. Além do mais, pode-se associar também a ideia de que os presidentes fazem parte dos escândalos de corrupção, uma vez que os piratas trabalham organizados em grupos para saquear os bens alheios.

No que diz respeito ao significante plástico, a revista preenche de vermelho o nome da revista, a escolha por tal cor justifica-se no fato de o vermelho ser a cor que representa o

partido dos presidentes, e por ser utilizado como uma cor indicativa da ideia de perigo, como, por exemplo, no vermelho do semáforo. Além disso, a capa é revestida pelas cores branco e azul, cores estas que remetem à bandeira do país, e possui a borda de um quadro em preto, no qual as caricaturas dos presidentes ultrapassam o enquadramento. O fato de as caricaturas não conseguirem se situar dentro do enquadramento proposto, explicita o posicionamento da *Veja* de que estes políticos não são dignos de ocuparem o cargo mais importante do país.

A principal diferença entre as duas capas diz respeito ao fato de que, na capa da Dilma, associada à caricatura da presidente há o texto: “DOMINGO, 15 DE MARÇO de 2015”. Ao colocar este texto na capa, a revista demonstra necessidade em dar destaque a esta data, em transformá-la em um marco, uma vez que, até aquele momento, a manifestação ocorrida no dia 15 de março havia sido a principal manifestação contra a presidente e seu governo, desde a sua posse. Além disso, ao ressaltar que o dia 15 de março de 2015 era um domingo, a revista cria o efeito de sentido de que, em um dia destinado ao descanso e ao lazer, a sociedade abriu mão disso para ir às ruas demonstrar sua insatisfação e oposição à presidente e a seu governo.

Outro elemento de diferenciação entre a capa da Dilma e do Lula é que na da Dilma sua caricatura possui uma sombra proeminente, enquanto na capa do Lula a sombra da caricatura é difusa, não possuindo demarcações. Considerando discursos anteriores, o fato de a sombra possuir destaque na caricatura da Dilma retoma a ideia de que a presidente governa sobre a sombra de Lula.

CONCLUSÕES

A análise realizada indica que há uma relação de interdiscursividade entre as duas capas, mais precisamente uma alusão interdiscursiva, na qual, a última capa retoma a primeira. Nesse sentido, a alusão interdiscursiva foi a principal estratégia discursiva empregada pela revista para produzir o efeito de sentido de que a Dilma seria uma presidente construída à imagem do Lula, o que de acordo com a ideologia da revista consiste em algo negativo, uma vez que, a *Veja* tem um histórico no qual se posiciona contra o partido dos trabalhadores e seus representantes.

Além disso, a utilização da alusão interdiscursiva nessa situação produz o sentido de apagamento da imagem da Dilma em relação ao Lula, pois, através do acionamento da memória discursiva rapidamente relacionamos a capa da Dilma com a do Lula, e dessa forma retomamos discursos anteriores que questionavam a capacidade da Dilma como presidente, transformando-a em uma marionete do ex-presidente Lula.

Dessa forma, as construções discursivas presentes nas capas revelam o posicionamento político da revista em relação à Dilma e ao Lula. Nesse sentido, a revista utiliza-se de uma linguagem verbo-visual carregada de efeitos de sentidos, na qual se tem uma representação dos políticos através de caricaturas políticas, evidenciando o tom crítico adotado pela revista.

A revista *Veja*, ao optar por construir caricaturas políticas da Dilma e do Lula, busca apresentar o “verdadeiro caráter” dos personagens, como forma de denunciá-los, desmascará-los. Dessa maneira, a revista utiliza-se do humor para apresentar sua “verdade”, assim como para silenciar outros discursos.

Por fim, com este trabalho, espera-se incentivar a realização de atividades em sala de aula que foquem uma abordagem discursiva do que a mídia produz, contribuindo, assim, para a formação crítica do aluno como leitor, ao demonstrar os diversos efeitos de sentido que um enunciado ou discurso podem ter, as estratégias discursivas utilizadas, e principalmente ao disponibilizar conteúdos e conhecimentos que possibilitem ao aluno desvelar a ideologia por trás desses discursos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M.; VOLISHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: EDUSP, 1994.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006a, p. 161-193.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006b.

GAWRYSZWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. **Domínios da imagem**, Londrina, ano 1, n. 2, mai. de 2008. p. 7-26. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/270> . Acesso em 31 de jul. 2015.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 6 ed. Campinas: Papyrus, 2003.

MIANI, Rozinaldo Antônio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. **9ª Arte**. São Paulo, v. 1, n. 1, set. de 2012. p. 37-48.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978

SANTANA, Wendecley Alves. Verdades nuas: uma análise de caricaturas sobre os réus do mensalão. **Revista Interin**. Curitiba, v. 14, n. 12, jul./dez. 2012. p. 83-98.

Veja, 27 de setembro de 2006, ano 39, ed. 1975, n. 38, Editora Abril, São Paulo, capa.

Veja, 18 de março de 2015, ano 48, ed. 2417, n. 18, Editora Abril, São Paulo, capa.

Jessica Cristiane Pereira da SILVA

Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009); especialização em Educação pela Universidade de São Paulo (2013); mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté. Atualmente trabalha como Bibliotecária no Instituto Federal de São Paulo, campus São José dos Campos, e possui interesse nos seguintes temas: Análise do Discurso, Política e Gênero.

Miriam Bauab PUZZO

Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto (1967), graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Paraíba (1973), mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1997) e doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2004), pós-doutorado em Linguística na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Atualmente é professor titular da Universidade de Taubaté, vinculado ao programa de Mestrado em Linguística Aplicada.